

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

William Cleber Domingues Silva  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

**William Cleber Domingues Silva**  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido



Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Turismo, cidades, colecionismo e museus

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** William Cleber Domingues Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T938 Turismo, cidades, colecionismo e museus / Organizador  
William Cleber Domingues Silva. – Ponta Grossa - PR:  
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-942-4

DOI 10.22533/at.ed.424213103

1. Turismo. I. Silva, William Cleber Domingues  
(Organizador). II. Título.

CDD 338.4791

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Turismo, cidades, colecionismo e museus” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus capítulos. O volume apresenta relevantes investigações científicas relacionadas ao tema proposto pelo livro.

O objetivo central foi apresentar de forma objetiva e atual estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, Portugal e Equador. Os trabalhos que compõem esse volume abordam possíveis relações existentes entre os temas que nortearam as contribuições dos autores: turismo, cidades, colecionismo e museus.

O surgimento e avanço da crise sanitária mundial provocada pela pandemia COVID 19 bem como seus impactos no setor de turismo, nas cidades e nos museus também despertaram relevantes reflexões dos autores.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de disseminar o conhecimento científico desenvolvido por profissionais de turismo e áreas afins atuantes em diferentes regiões do Brasil e do mundo.

Desta forma destaca-se que o título “Turismo, cidades, colecionismo e museus” é uma obra direcionada a profissionais e acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento humano. O livro apresenta em seus capítulos temas relevantes para os interessados em se atualizarem em assuntos debatidos pelas ciências sociais aplicadas.

Finalizando considera-se relevante registrar o importante papel desempenhado pela Atena Editora enquanto plataforma capaz de oferecer a pesquisadores e leitores um espaço adequado para apresentação, divulgação e publicação de pesquisas científicas no Brasil.

Desejamos a todos uma excelente viagem!

William Cleber Domingues Silva

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

TURISMO E VIAGENS CULTURAIS *ON-LINE* EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO DE BASE ETNOGRÁFICA SOBRE O PROJETO VIAJAR DE CASA

Karla Estelita Godoy

**DOI 10.22533/at.ed.4242131031**

### **CAPÍTULO 2..... 23**

INCENTIVOS FINANCEIROS DESTINADOS AO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Aracelis Gois Morales Rigoldi

Graziela Oeste Graziano Cremonesi

Valéria Rueda Elias Spers

Marli Terezinha Vieira

Angélica Gois Morales

**DOI 10.22533/at.ed.4242131032**

### **CAPÍTULO 3..... 38**

DESAFIOS DA POLÍTICA NACIONAL DE TURISMO: O IMPACTO DA LEI GERAL DO TURISMO NO PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO

Giovanna Adriana Tavares Gomes

Elaine Gomes Borges da Silva

Jane Márcia do Nascimento Teixeira Scorzelli

**DOI 10.22533/at.ed.4242131033**

### **CAPÍTULO 4..... 55**

O TURISMO DE INTERESSES ESPECIAIS EM ESPAÇO RURAL: POSSIBILIDADES PARA A ATIVIDADE TURÍSTICA PÓS-COVID-19

Carla Oliveira Brito

Janine Santos de Sousa

Sara Caroline Chagas dos Santos

Natalia Silva Coimbra de Sá

**DOI 10.22533/at.ed.4242131034**

### **CAPÍTULO 5..... 73**

A CIBERMUSEALIZAÇÃO: O OBJETO MUSEOLÓGICO EM DOIS MUSEUS VIRTUAIS BRASILEIROS

Rosali Henriques

Rafael Chaves

**DOI 10.22533/at.ed.4242131035**

### **CAPÍTULO 6..... 84**

ANOTHER TOURISM IS POSSIBLE: THE SOCIAL AND SOLIDARITY ECONOMY COMMUNITY TOURISM IN AGUA BLANCA

Lucia Dolores Loor Bravo

**DOI 10.22533/at.ed.4242131036**

<b>CAPÍTULO 7.....</b>	<b>95</b>
O MARKETING TURÍSTICO DA EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO (EMBRATUR) E A CONCEPÇÃO DE “MULHER BRASILEIRA” EM TERRAS ESTRANGEIRAS COMO MULATAS	
Crislaine Custódia Rosa Kerley dos Santos Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131037</b>	
<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>109</b>
QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS: PARA UMA COMPREENSÃO DO TURISTA HÍBRIDO	
Helio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131038</b>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>123</b>
WALKING TOUR COMO FERRAMENTA DE POTENCIALIZAÇÃO DA VISITAÇÃO EM DESTINOS TURÍSTICOS PÓS PANDEMIA	
Carla Nou Levita Jaime José da Silveira Barros Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131039</b>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>135</b>
A QUESTÃO DA HOSPITALIDADE FACE A NOVA COEXISTÊNCIA CULTURAL NO TERRITÓRIO EUROPEU CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS PARA O FAZER TURISMO	
Eduardo Taborda de Jesus Flavia de Brito Panazzolo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310310</b>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>152</b>
RESORTS BRASILEIROS: DESCRIÇÃO DO DESEMPENHO DAS VENDAS ENTRE 2016 E 2017, ATRAVÉS DA TAXA DE OCUPAÇÃO, RECEITA MÉDIA E TREVPAR GERAIS E SEGMENTADOS POR AMBIENTE GEOGRÁFICO	
Antonio Carlos Bonfato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310311</b>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>177</b>
CARTOGRAFIA DO TURISMO: ÓTICA GEOTURÍSTICA E GESTORA DO MUNICÍPIO DE BELÉM – PARÁ	
Lucas Daniel Noronha Ferreira Mozart dos Santos Silva Erick Peuriclepes Rodrigues da Silva Dickson Weverton Sobral de Souza Arthur Jeronimo Santana Aragão Mayara Cobacho Ortega Caldeira Carlos Rodrigo Tanajura Caldeira Anna Júlia Souza Dias Wallace Douglas da Cruz Santos Marcos Gabriel Silva e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310312</b>	



<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>190</b>
A FERRAMENTA DE ANÁLISE DE DADOS <i>BIG DATA</i> , SEUS USOS NO TURISMO E UMA PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE SEU USO EM FOZ DO IGUAÇU	
Alfredo Brito Aguiar Andressa Szekut	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310313</b>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>211</b>
ACESSIBILIDADE E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO TEATRO AMAZONAS - IMPLICAÇÕES PARA O TURISMO	
Marklea da Cunha Ferst Helen Rita Menezes Coutinho Lucia Claudia Barbosa Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310314</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>230</b>
ANÁLISE DA GOVERNANÇA EM UMA EXPERIÊNCIA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: APLICAÇÃO DO MODELO MAG DO TBC À ADESCO	
João Gabriel Barrêto Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310315</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>247</b>
TURISMO, PONTA DO CORUMBAU, PROGRESSO E SUSTENTABILIDADE: UMA PESQUISA DE FENÔMENO SITUADO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310316</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>263</b>
COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA - PERSPECTIVA DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E DA SUSTENTABILIDADE: UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE PÉ NA TERRA DE BRASÍLIA	
Juzânia Oliveira da Silva Brandão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310317</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>278</b>
DIAGNÓSTICO DO TURISMO NO DISTRITO DE ITAIACOCA, PONTA GROSSA-PR: ESTUDO TEÓRICO PRELIMINAR PARA O PLANEJAMENTO DO TURISMO SUSTENTÁVEL LOCAL	
Luiz Fernando de Souza Natali Calderari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310318</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>288</b>
TURISMO DE COMPRAS NA FRONTEIRA JAGUARÃO-RS/BRASIL E RIO BRANCO/URUGUAI: UMA REFLEXÃO SOBRE IMPACTOS DA COVID-19 NA ECONOMIA	
Caio Lucas Rossi Angela Mara Bento Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310319</b>	

<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>298</b>
VIAGENS E TURISMO: EMÍLIA SNETHLAGE E HELOISA ALBERTO TORRES AS CIENTISTAS E VIAJANTES DA AMAZÔNIA DO SÉCULO XX	
Diana Priscila Sá Alberto	
DOI 10.22533/at.ed.42421310320	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>319</b>
O CONCRETO PENSADO: ALGUMAS CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO FENÔMENO TURISMO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.42421310321	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>329</b>
DESVENDANDO EMOÇÕES NO MUSEU GRUPPELLI: BREVES APONTAMENTOS CONCEITUAIS	
José Paulo Siefert Brahm	
Juliane Conceição Primon Serres	
Diego Lemos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.42421310322	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>344</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>345</b>

# CAPÍTULO 11

## RESORTS BRASILEIROS: DESCRIÇÃO DO DESEMPENHO DAS VENDAS ENTRE 2016 E 2017, ATRAVÉS DA TAXA DE OCUPAÇÃO, RECEITA MÉDIA E TREVPAR GERAIS E SEGMENTADOS POR AMBIENTE GEOGRÁFICO

*Data de aceite: 22/03/2021*

**Antonio Carlos Bonfato**

Centro Universitário Senac, São Paulo, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/4567329157627709>

**RESUMO:** O presente artigo analisou o desempenho de vendas dos resorts brasileiros dentre os anos de 2016 e 2017. Os índices gerados pelos empreendimentos foram analisados tanto na forma global, com todos os resorts juntos, quanto da forma segmentada com os resorts sendo divididos em subgrupos segundo sua localização geográfica – e entre campo e praia. A amostragem foi composta pelos 49 resorts filiados à Associação Brasileira de Resorts/ABR distribuídos em 13 estados do país. O objetivo geral foi detectar como se comportaram as vendas em termos quantitativos, qualitativos e de efetividade, bem como detectar se a localização geográfica interfere no desempenho de tais vendas unitárias. Para tal, os indicadores que serviram de base foram a taxa de ocupação, a receita média e o TRevPAR. O estudo tem natureza de pesquisa aplicada e se utilizou de fontes primárias, secundárias e entrevista pessoal. Os dados gerados devem gerar um arcabouço de informações que devem auxiliar os gestores dos resorts, no processo de tomada de decisão tanto para questões operacionais, quanto questões estratégicas de investimento.

**PALAVRAS - CHAVE:** Resorts; Taxa de ocupação; Receita média; TRevPAR

**BRAZILIAN RESORTS: DESCRIPTION OF SALES PERFORMANCE BETWEEN 2016/2017 BY OCCUPANCY RATE, AVERAGE REVENUE AND TREVPAR - PERFORMANCE GENERAL AND SEGMENTED BY DIFFERENT LOCATIONS**

**ABSTRACT:** The present article analyzed the sales performance of Brazilian resorts between the years 2016 and 2017. The indices from the enterprises were analyzed globally, with all the resorts together, and in a segmented form: dividing the resorts into subgroups according to their geographical location - and between countryside and beach. The sampling was composed by 49 resorts affiliated to the Brazilian Association of Resorts / ABR, distributed in 13 states of the country. The overall objective was to detect how sales behaved in quantitative, qualitative and effectiveness terms, as well as to detect if geographical location interferes with the performance of unit sales. Therefore, the indicators that served as the base were the employment rate, the average income and the TRevPAR. The study has the nature of applied research and was made with the use of primary, secondary and personal interview sources. The data generated should generate a framework of information that should assist resort managers in the decision-making process for operational and strategic investment issues.

**KEYWORDS:** Resorts; Occupancy rate; Average revenue; TRevPAR.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o universo de operação dos resorts brasileiros, com foco no desempenho das vendas desses empreendimentos entre os anos de 2016 e 2017. Os resultados foram analisados segundo o desempenho geral, bem como de forma compartimentada, quando os resorts foram segmentados entre os localizados no campo e os localizados na praia. O estudo buscou verificar como o universo dos resorts se comportou em termos de desempenho de vendas e, de forma concomitante, investigou como a localização em diferentes ambientes geográficos interferiu no desempenho dos empreendimentos ao longo dos dois anos. Assim, o objetivo geral foi buscar entender como o desempenho de vendas se comportou entre os anos de 2016 e 2017, considerando que esse período ocorreu após a realização de grandes eventos esportivos globais no país, como a Copa do Mundo FIFA 2014 e Olimpíadas de Verão Rio 2016. E, como objetivo específico, o artigo buscou verificar como os diferentes ambientes geográficos podem gerar desempenhos diferenciados ao longo do ano. Os detalhes de tratamento dos dados estão expostos na seção Métodos e Técnicas.

A título de contextualização do tema, importante afirmar que os estudos sobre a Os resorts se consolidaram como um setor expressivo na hotelaria brasileira apenas na década de 2000 a partir da implantação de grandes complexos hoteleiros, como Costa do Sauipe (Guthery & Phillips, 2000). Os principais complexos foram implantados predominantemente na faixa litorânea do território brasileiro, embora existam projetos que se consolidaram no interior do país. O ano de 2001 foi um marco nesse processo de consolidação, ao se criar a Associação Brasileira de Resorts/ABR, que se tornou a entidade representativa da classe não só junto às autoridades responsáveis pela gestão do turismo no país, como se tornou a entidade porta voz do setor, por ocasião da relação com a mídia de forma geral<sup>1</sup>. A visão da ABR é “Ser uma entidade representativa do segmento de resorts e do turismo nacional, unindo todos os resorts brasileiros em torno de uma entidade de classe reconhecida no Brasil e no exterior, na busca de um crescimento sólido e qualitativo da entidade, respeitando sua matriz de classificação”<sup>2</sup>. Sendo assim, a entidade foi a primeira a criar uma matriz de classificação específica para resorts e que estabelece os requisitos mínimos para um meio de hospedagem se filiar à entidade.

Um resort possui características próprias e inerentes à sua área específica (Mill, 2003):

I. Normalmente contemplam o hóspede com a concentração da oferta de uma gama variada de produtos e serviços que, normalmente é encontrada apenas de forma isolada, em outros meios de hospedagem (Gee, 1998; Agarwal, 2002;);

<sup>1</sup> Ver em <https://www.resortsbrasil.com.br/institucional/>, acessado em 17/12/2018.

<sup>2</sup> Op. Cit, acessado em 18/12/2018.

II. Se caracterizam como empreendimentos de grandes dimensões que oferecem uma quantidade significativa de unidades habitacionais (Papatheodorou, 2004; Walton, 2009);

III. Geralmente estão localizados em sítios geográficos distantes e de pequeno porte, que são acessados por vias nem sempre em excelente estado (Castelli, 2006; Silva & Filho, 2009).

IV. Também se caracterizam como grandes geradores de empregos nessas mesmas comunidades se tornando a melhor, se não a única, alternativa de emprego formal (Bonfato, 2016a).

Mediante o exposto acima, entende-se que as decisões administrativas dos gestores desses empreendimentos costumam exercer grande influência no meio social desses locais (Cardoso, 2005). As decisões relativas à gestão operacional e estratégica dos resorts, tendem a se refletir de forma mais intensa nas comunidades que as abrigam. Esse cenário mais profissionalizado também exerceu influência nas políticas conduzidas pela entidade. A ABR alinhou sua missão, que passou a ser de “Fomentar a performance dos resorts, desenvolvendo a sua representatividade por meio de sinergia e parcerias, disseminando a informação e posicionando-os como referência dos serviços turísticos”<sup>3</sup>. Dentro dessa nova realidade, a entidade buscou estabelecer parcerias com organizações ligadas ao trade turístico brasileiro a fim de se tornar uma geradora de informações não só para os filiados como para os interessados na área. Nesse processo, nasceu a parceria como o Centro Universitário Senac Águas de São Pedro, uma entidade que oferece cursos e programas na área da hospitalidade desde cursos livres até programas de graduação e pós-graduação na área (Domingues, 2018), para a criação de um banco de dados que poderia gerar informações de forma contínua, na medida de abastecer de informações, um relatório de frequência trimestral, intitulado inicialmente de “Resorts Brasil em Perspectiva” e que, atualmente, se denomina de “ABR em Números” e que está em sua 31ª edição (Domingues, 2018). O relatório passou por um processo de aperfeiçoamento e se tornou um ferramental de auxílio para a gestão cotidiana dos resorts associados, bem como gera índices que se consolidaram como referenciais para se estabelecer um comparativo entre os dados gerais do mercado e os dados de um resort em específico. Exposto tal cenário, cabe destacar os procedimentos metodológicos aplicados no presente estudo.

## 2 | MÉTODOS E TÉCNICAS

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva (Gil, 2008) onde através de levantamento de dados quantitativos depositados pelos empreendimentos hoteleiros filiados à Associação Brasileira de Resorts/ABR, em um banco de informações durante 24 meses abrangendo desde janeiro de 2016 a dezembro de 2017. Também se

3 Ver em <https://www.resortsbrasil.com.br/institucional/>, acessado em 17/12/2018



trata de uma pesquisa correlacional (Costa, 2001) onde se entelece um comparativo de índices entre os meses e anos. Os valores gerados devem subsidiar de informações tanto o universo de estudo do tema, quanto os pesquisados que, no caso, são os associados à ABR. Portanto trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada (Lakatos & Marconi, 2001; Gil, 2008). O universo de amostragem é foi composto pelos resorts associados à Associação Brasileira de Resorts/ABR. Dos 49 filiados à associação que, durante dois anos, depositaram dos dados.

Os indicadores que foram analisados forma compostos dos índices mais significativos em termos de geração de informação para que os objetivos fossem contemplados, a saber:

I. Taxa de ocupação: resultante da divisão entre as unidades habitacionais comercializadas e as unidades habitacionais oferecidas durante um determinado período. Não se contabilizaram como disponíveis as unidades habitacionais de uso da casa, em manutenção/reforma ou cota/cortesia.

II. Receita média: resultante da divisão do total das receitas do estabelecimento com as unidades habitacionais comercializadas em determinado período. Não se utilizou-se da diária média, tendo em vista que os resorts depositam as receitas gerais e não apenas da área de hospedagem e;

III. TRevPAR – *Total Revenue per Available Room*: resultante da divisão do total das receitas pelas unidades habitacionais disponibilizadas em determinado período. Também, nos mesmos moldes da receita média, não se utilizou do conceito de RevPAR – *Revenue per Available Room*.

Em termos de procedimento, o passo inicial foi o levantamento de dados por fontes secundárias ((Laukatos, 2001; Santaella, 2006; Gil, 2008), com a busca de obras literárias referenciais da área, dentre as quais as obras de Gee (1998), Mill (2003), Guijarro (2003), Weygandt (2005). Também serviram com fontes secundárias relatórios setoriais que continham alguma informação sobre os resorts brasileiros e que fossem relevantes para a pesquisa, tais quais os relatórios elaborados por consultorias da área como “Hotelaria em Números”, elaborado pela empresa Jones Lang LaSalle - JLL, edições de 2016 e 2017, e os próprios relatórios internos da Associação Brasileira de Resorts, como as várias edições do informativo “ABR em Números”, entre os anos de 2016 e 2017.

Após essa fase inicial, os estudos se concentraram na análise dos indicadores gerados via fontes primárias (Gil, 2008). Após o fechamento do prazo de depósito dos dados que gerariam os índices, os valores foram coletados, sistematizados, tabulados e analisados (Dencker, 2003) a fim de se detectar o comportamento em termos de crescimento ou queda de desempenho tanto do setor como um todo, como segmentados por subgrupos divididos segundo sua localização geográfica – ambiente campo e ambiente praia. Essa segmentação dos empreendimentos objetivou não apenas se chegar ao objetivo geral proposto, mas, também, se atingir os objetivos específicos descritos na introdução do

presente artigo. Sendo assim, os 49 resorts foram divididos da seguinte forma:

- 32 resorts localizados na praia, relativos a nove estados brasileiros: Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará e;
- 17 resorts localizados no campo, fora da área litorânea, relativos a oito estados brasileiros: Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Amazonas.

Os dados primários (Santaella, 2006) forma tratados de forma descritiva, gerando a informação que permitiu se chegar aos objetivos gerais e específicos do presente estudo.

Durante o processo de tratamento dos dados, foi aplicada a técnica de entrevista pessoal (Dencker, 2003), com a participação do Diretor Executivo da Associação Brasileira de Resorts/ABR, Ricardo Domingues<sup>4</sup>, no sentido de reafirmar ou se contrapor aos indicadores gerados pelo tratamento dos dados depositados pelos filiados.

### **3 I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PANORAMA GERAL DS ESTUDOS SOBRE RESORTS NO BRASIL**

A hotelaria brasileira passou por um processo de desenvolvimento expressivo desde a década de 1990. Enquanto a década de 1980 foi de estagnação no setor, o final da década seguinte foi marcado pela entrada de redes internacionais no país, como Marriott, Choice Hotels, Carlson Hotels (Proserpio, 2007), dentre outras; consolidação de redes nacionais como Blue Tree, Transamérica, Nacional Inn, Bourbon, Intercity, dentre outras (Boeger, 2005) , bem como contou com uma alavancagem de investimentos das redes internacionais que já atuavam no país, como Accor e Intercontinental Grou e nacionais que já atuavam no país como Accor, (Rosa, 2013), além do surgimento de segmentos sofisticados, oferecendo hotéis boutique e design, como Unique, Fasano, Emiliano (Bonfato, 2006) e mais recentemente, Tangará da rede Oetker Collection. A hotelaria brasileira evoluiu de cerca de 5300 unidades hoteleiras em 2002 (Bonfato, 2016) para mais de 10.341 unidades hoteleiras que ofereceram mais de 541 mil unidades habitacionais, em 2017 (JLL, 2018). No cenário de 2017, as redes hoteleiras compuseram 10,9% das unidades hoteleiras e 35,5% dos apartamentos disponibilizados diariamente. Nesse mesmo período relatórios evoluíram e passaram a abordar índices de desempenho não só entre períodos, mais também segmento os meios de hospedagem (JLL, 2013, p.10). Os relatórios prosseguiram se ampliando tanto em número quanto em dados gerados. O mercado turístico passou a receber os dados de taxa de ocupação, diária média e RevPar. A figura 01, onde pode-se constatar em como o mercado hoteleiros brasileiro se caracterizou pelas quedas de desempenho nos últimos três anos .

---

4 Ver em <https://www.resortsbrasil.com.br/nossa-diretoria/>, acessado em 18/12/2018.

Year	OCC	Variation	ADR	Variation	RevPAR	Variation
2003	52,0%		USD 41,68		USD 21,68	
2004	55,0%	5,80%	USD 40,38	-3,1%	USD 22,21	2,5%
2005	60,0%	9,00%	USD 42,66	5,6%	USD 25,59	15,2%
2006	58,0%	-3,30%	USD 45,59	6,9%	USD 26,44	3,3%
2007	63,0%	8,60%	USD 48,20	5,7%	USD 30,37	14,8%
2008	65,0%	3,20%	USD 49,83	3,4%	USD 32,39	6,7%
2009	63,0%	-3,10%	USD 53,73	7,8%	USD 33,85	4,5%
2010	68,0%	7,90%	USD 58,61	9,1%	USD 39,86	17,7%
2011	69,5%	2,20%	USD 68,71	17,2%	USD 47,75	19,8%
2012	65,6%	-5,60%	USD 79,14	15,2%	USD 51,91	8,7%
2013	65,9%	0,36%	USD 84,44	6,7%	USD 55,65	7,2%
2014	64,9%	-1,52%	USD 86,89	2,9%	USD 56,39	1,3%
2015	59,6%	-8,17%	USD 80,76	-7,1%	USD 48,13	-14,6%
2016	55,2%	-7,10%	USD 86,67	7,3%	USD 47,84	-0,6%
2017	56,5%	2,36%	USD 80,00	-7,7%	USD 45,20	-5,5%

Figura 1: desempenho qualitativo e quantitativo de vendas da hotelaria brasileira – media geral

OCC: Occupancy rate ADR: Average Daily Rate RevPAR: Revenue per Available Room

Fonte: elaborado pelos autores com base em relatórios de mercado da Jones Lang LaSalle

No que tange aos resorts, o relatório Hotelaria em Números 2018, da Jones Lang LaSalle destaca que existem 119 meios de hospedagem que se classificam como resort, no Brasil. No entanto, a Associação Brasileira de Resorts possuía apenas 49 resorts filiados devido aos critérios mínimos de classificação como resort que a ABR estabeleceu, impedindo estabelecimentos que não cumprissem os requisitos, que se filiassem à associação.

No universo dos estudos acadêmicos as obras que versam exclusivamente sobre os resorts no Brasil, são escassas. A busca pelo termo “resorts”, no banco Spell – Scientific Periodicals Eletronic Library obteve o retorno de apenas 28 resultados. Quando acrescentadas a palavra-chave Brasil gerou-se apenas 2 registros. A primeira é a obra *Turismo e desenvolvimento sustentável: considerações sobre o modelo de resorts no litoral nordeste do Brasil*, de Itamar Cordeiro, Eloíza Bento e Carlos Britto<sup>5</sup>, de 2011, que estuda o caso das políticas ambientais que ditaram a implantação dos resorts na região Nordeste do Brasil. Onde se encontra a maior incidência dessa tipologia de meio de hospedagem no país. O outro artigo é intitulado *Resorts no Brasil: uma avaliação do desempenho*, de Bonfato & Baltieri, publicado em 2016, na Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo-RBTur, que versa especificamente sobre o desempenho mercadológico e financeiro dos resorts brasileiros.

5 Ver em <http://www.spell.org.br/documentos/ver/1891/turismo-e-desenvolvimento-sustentavel--consideracoes-sobre-o-modelo-de-resorts-no-litoral-nordeste-do-brasil>, acessado em 02/10/2017, às 15:15

Com já citado na introdução do presente estudo, a consolidação do setor de resorts ocorreu na década de 2000, onde houve um aquecimento do mercado e, por consequência, a rentabilidade dessa tipologia de negócios aumentou gerando maior interesse por investidores. Mas esse fato foi acompanhado pelo acirramento da concorrência (Bonfato, 2016). O aumento da concorrência acabou por alavancar os processos da busca da melhora contínua do produto/serviço oferecido.<sup>6</sup> O mesmo processo evolutivo que gerou a melhora dos relatórios de mercado que analisavam o mercado hoteleiro como um todo, também convergiu para a área da análise do desempenho dos resorts. O surgimento do relatório Resorts Brasil em Perspectiva, no ano de 2012, produto de um acordo entre Centro Universitário Senac e Associação Brasileira de Resorts, foi um marco no que tange a um relatório setorial específico de resorts no país. A constância desse relatório eliminou os hiatos de informação que surgiam no universo da análise do desempenho de resorts, porque variadas consultorias elaboraram estudos específicos sobre a área. Embora contivessem uma boa qualidade de informação não tinham uma periodicidade constante, Por vezes, alguns tinham hiatos de anos entre uma edição e outra. O relatório que, atualmente, é denominado de “ABR em Números” eliminou esse problema (Domingues, 2018).

No que tange ao desempenho dos resorts o cenário dos últimos anos mostram um quadro evolutivo predominantemente positivo, como pode ser comprovado na figura 2, a seguir:

Ano	Occupancy rate	Revenue Average Rate	TRevPAR
2013	52,7%	USD 247,35	USD 130,35
2014	56,1%	USD 235,42	USD 132,07
2015	58,7%	USD 177,92	USD 104,44
2016	63,5%	USD 264,81	USD 167,55
2017	59,0%	USD 283,09	USD 172,34

Figura 2. Índices quantitativos e qualitativos unitários referentes aos resorts entre 2013 e 2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na ABR-Associação Brasileira de Resorts

O fator que se destaca é a forte oscilação entre os anos, como o caso de 2015 em relação a 2016 (variação negativa) e 2016 em relação a 2015 (variação positiva). Embora sejam destacáveis não se constatou nenhum fenômeno setorial que pudesse interferir de modo substancial para tal grau de alteração de números. Nesse caso, também não se pode creditar tal fato a fatores macro ambientais tão somente. Pergunta-se o porquê o setor de resorts gerou alterações tão abruptas, bastante acima da oscilação da hotelaria de modo geral. Na realidade não existem estudos mais aprofundados sobre tal fenômeno e a análise

<sup>6</sup> RevPar: Revenue per Available Room: Índice hoteleiro que demonstra a receita de hospedagem obtida por apartamento disponibilizado pelo hotel em determinado período.

do grau de interferência dos fenômenos macroeconômicos não são objetos do presente estudo. Como relato do comportamento de mercado dos últimos anos, a figura 3 mostra as oscilações registradas, com picos de oscilação.

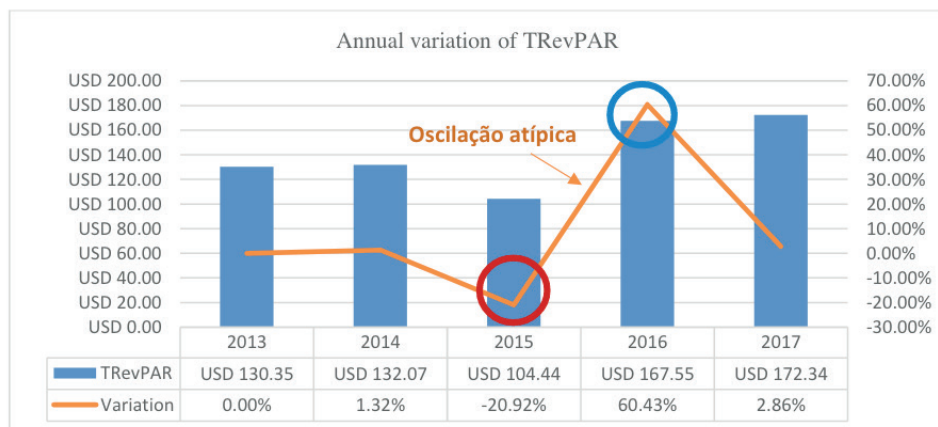


Figura 3: gráfico das variações do índice de TRevPAR nos resorts brasileiros 2013/2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na ABR-Associação Brasileira de Resorts

A título de caracterização do setor, a figura 4 mostra a média de hóspedes onde se constata a pouca oscilação entre os dois últimos anos, com leve variação, para baixo, de - 2,83%. No que tange à média de colaboradores por apartamento disponibilizado, os valores seguirão uma tendência inversa e terminaram o ano de 2017 gerando uma média de 5,2% superior ao ano de 2016. A tabela da figura 4 expressa os valores tratados:

	Average guest				Employees per available apartments		
	2016	2017	Growth		2016	2017	Growth
<b>JAN</b>	2,50	2,40		<b>JAN</b>	1,35	1,34	
<b>FEB</b>	2,40	2,30		<b>FEB</b>	1,29	1,32	
<b>MAR</b>	2,80	2,20		<b>MAR</b>	1,31	1,31	
<b>APR</b>	2,20	2,30		<b>APR</b>	1,29	1,34	
<b>MAY</b>	2,20	2,30		<b>MAY</b>	1,27	1,34	
<b>JUN</b>	2,20	2,20		<b>JUN</b>	1,27	1,36	
<b>JUL</b>	2,30	2,20		<b>JUL</b>	1,31	1,34	
<b>AUG</b>	2,60	2,60		<b>AUG</b>	1,3	1,35	
<b>SEP</b>	2,30	2,20		<b>SEP</b>	1,24	1,33	
<b>OCT</b>	2,20	2,10		<b>OCT</b>	1,26	1,38	



<b>NOV</b>	2,30	2,40		<b>NOV</b>	1,22	1,37	
<b>DEC</b>	2,30	2,30		<b>DEC</b>	1,31	1,43	
<b>ANNUAL</b>	2,36	2,29	<b>-2,83%</b>	<b>ANNUAL</b>	1,29	1,35	<b>5,12%</b>

Figura 4: Tabela da média de hóspedes e do nº de colaboradores por UH disponível nos resorts brasileiros 2016/2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na ABR-Associação Brasileira de Resorts

## 4 | ANÁLISE DOS RESULTADOS

A fim de se cumprir os objetivos propostos na presente pesquisa, o processo de tratamento dos dados foi segmentado em dois momentos:

Momento 1: Tratamento dos dados relativos aos índices de taxa de ocupação, receita média e TRevPAR de forma geral: Considera todos os empreendimentos em um único grupo de resorts, a fim de se ter um panorama mais plural sobre o desempenho das vendas em termos de quantidade (taxa de ocupação), de qualidade (receita média) e de efetividade (TRevPAR).;

Momento 2: Tratamento dos dados relativos aos índices de taxa de ocupação, receita média e TRevPAR segmentado por tipo de ambiente: Estabelece uma divisão por ambiente geográfico no qual o empreendimento se situa. Assim os resorts foram alocados em dois subgrupos: os resorts localizados na orla litorânea brasileira e os demais resorts que se localizam na porção interior do território brasileiro.

### 4.1 Resultados gerais dos resorts

Os indicadores foram analisados seguindo a natureza do índice. A taxa de ocupação apresenta os resultados quantitativos, o quanto se vendeu em relação às unidades habitacionais que foram disponibilizadas. Os resultados qualitativos são analisados através da receita média e mostra o quanto se captou por UH vendida, considerando todas as vendas agregadas. Os resultados efetivos foram analisados através do TRevPAR que une os dados quantitativos e qualitativos e que gera uma interpretação mais clara e concisa a respeito dos resultados.

#### 4.1.1 Taxa de ocupação geral

A figura 5 mostra o desempenho mensal da taxa de ocupação no período analisado e aponta para um crescimento negativo entre os anos de 2016 e 2017, quando o índice anual recuou em - 3,78% em relação ao mesmo período do ano anterior. Embora houveram períodos de melhora, como junho, agosto, setembro, novembro e, notadamente, dezembro de 2017, a maioria dos meses mostrou recuo nesses índices. Os avanços dos meses positivos não foram suficientes para cobrir a perda com os meses negativos.

Occupancy rate comparison 2016/2017 – Brazilian Resorts					
OCC	2016		2017		Variação
JAN	77,2%		74,3%		-3,73%
FEV	60,6%	1º trim/16	55,8%	1º trim/17	-7,92%
MAR	61,2%	66,3%	59,0%	63,0%	-3,59%
ABR	52,6%		50,7%		-3,61%
MAI	43,2%	2º trim/16	43,1%	2º trim/17	-0,23%
JUN	41,8%	45,9%	45,4%	46,4%	8,61%
JUL	67,5%		66,9%		-0,89%
AGO	50,7%	3º trim/16	52,1%	3 trim/17	2,80%
SET	56,0%	58,1%	59,5%	59,5%	6,25%
OUT	64,9%		65,2%		0,46%
NOV	60,5%	4º trim/16	63,5%	4º trim/17	4,96%
DEZ	69,3%	64,9%	77,7%	68,8%	12,12%
ANNUAL	63,3%		60,9%		-3,78%

Figura 5. Taxa de ocupação geral dos resorts brasileiros da ABR – comparativo 2016/2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

Um fato a ser observado está exposto na figura 8, que mostra o processo de recuperação do índice durante o ano. Ele oscilou predominantemente para baixo no primeiro semestre do ano de 2017, mas rompeu a barreira negativa e apresentou resultados satisfatórios durante os últimos cinco meses do 2º semestre do ano. A figura 6 mostra o quadro de variações.

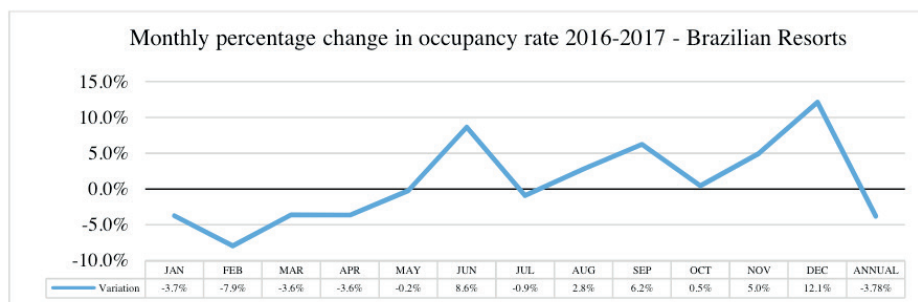


Figura 6. Variação mensal da taxa de ocupação dos resorts brasileiros – 2016/2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

#### 4.1.2 Receita média geral

Como citado anteriormente, o presente estudo analisa a Receita média e não a Diária média, tendo em vista que todos os resorts depositam as receitas gerais do empreendimento sem distinguir apenas o departamento de hospedagem, tendo em vista que muitos operam em sistema *all inclusive* de diárias. Assim, para evitar distorções de

interpretação financeira, convencionou-se que todos os resorts depositariam os dados absolutos. A figura 7 mostra o quadro mensal, trimestral e anual das receitas médias que, ao final, mostraram um comportamento diametralmente oposto ao da taxa de ocupação. A receita média nominal de 2017 se elevou em 6,90% em relação ao ano de 2016, com destaque positivo para os meses de abril e novembro de 2018 que apresentaram altas significativas. Os primeiro e último trimestres do ano foram os que apresentaram resultados montantes mais significativos.

<b>Average revenue comparison 2016/2017 – Brazilian Resorts</b>					
<b>MÊS</b>	<b>2016</b>		<b>2017</b>		<b>Variação</b>
<b>JAN</b>	USD 336,42		USD 330,51		-1,8%
<b>FEB</b>	USD 296,54	1º trim/16	USD 288,52	1º trim/17	-2,7%
<b>MAR</b>	USD 260,68	USD 297,88	USD 257,28	USD 292,10	-1,3%
<b>APR</b>	USD 254,54		USD 283,72		11,5%
<b>MAY</b>	USD 262,07	2º trim/16	USD 265,14	2º trim/17	1,2%
<b>JUN</b>	USD 253,64	USD 256,75	USD 263,29	USD 270,72	3,8%
<b>JUL</b>	USD 332,41		USD 289,85		-12,8%
<b>AUG</b>	USD 247,65	3º trim/16	USD 248,25	3º trim/17	0,2%
<b>SEP</b>	USD 245,83	USD 275,30	USD 261,81	USD 266,64	6,5%
<b>OCT</b>	USD 252,22		USD 261,69		3,8%
<b>NOV</b>	USD 254,17	4º trim/16	USD 276,22	4º trim/17	8,7%
<b>DEC</b>	USD 319,14	USD 275,17	USD 332,93	USD 290,28	4,3%
<b>ANNUAL</b>	<b>USD 264,81</b>		<b>USD 283,09</b>		<b>6,90%</b>

Figura7 Receita média nominal dos resorts brasileiros ligados à ABR – comparativo 2016/2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

A figura 8 mostra as oscilações onde se pode perceber os picos positivos e negativos. Também se nota que os dois semestres se comportaram de forma muito próxima e não houve um que se destacasse, embora o resultado final foi positivo.

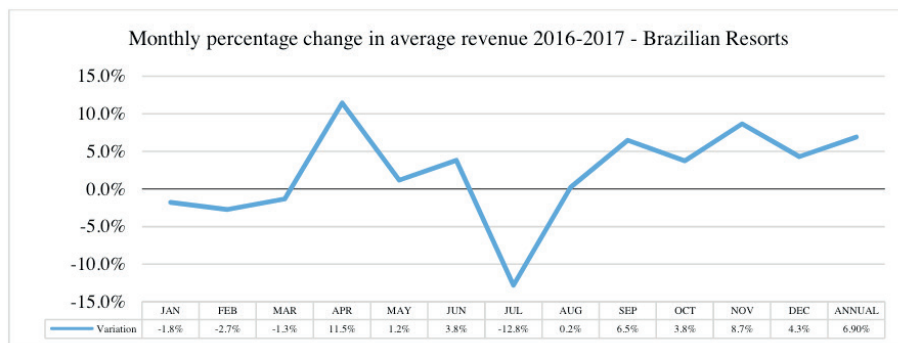


Figura 8. Variação mensal da receita média nominal dos resorts brasileiros – 2016/2017  
 Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

### 4.1.3 TRevPAR geral

O TRevPAR geral é o principal indicador do desempenho geral dos resorts tendo em vista que ele mescla os dados da taxa de ocupação e da receita média nominal. Pelas mesmas razões que o presente estudo se utiliza do índice da receita média e não da diária média, ele também se utiliza do TRevPAR e não do RevPAR.

No que tange a esse índice em específico, observa-se que o TRevPAR nominal apresentou uma elevação positiva de 2,86% no ano de 2017, em relação ao ano de 2016. Nesse índice compreende-se, de forma mais clara, que houve uma inversão de comportamento durante o semestre. De um início de ano onde os recuos predominaram, o cenário avançou para um segundo semestre mais estável, apresentando sucessivos resultados positivos a partir de setembro de 2016. Assim, ao final do ano, a queda na taxa de ocupação (índice de natureza quantitativa), foi suprida pela melhora da receita média nominal (índice de natureza qualitativa.). A figura 9 resume os resultados obtidos.

	2016		2017		Varição
<b>JAN</b>	USD 259,65		USD 245,57		-5,42%
<b>FEB</b>	USD 179,71	1º trim/16	USD 160,99	1º trim/17	-10,41%
<b>MAR</b>	USD 159,54	USD 199,63	USD 151,80	USD 186,12	-4,85%
<b>APR</b>	USD 133,89		USD 143,84		7,44%
<b>MAY</b>	USD 113,21	2º trim/16	USD 114,27	2º trim/17	0,94%
<b>JUN</b>	USD 106,02	USD 117,71	USD 119,54	USD 125,88	12,75%
<b>JUL</b>	USD 224,38		USD 193,91		-13,58%
<b>AUG</b>	USD 125,51	3º trim/16	USD 129,34	3º trim/17	3,05%
<b>SEP</b>	USD 137,67	USD 162,52	USD 155,78	USD 159,67	13,16%

<b>OCT</b>	USD 163,69		USD 170,62		4,23%
<b>NOV</b>	USD 153,77	4° trim/16	USD 175,40	4° trim/17	14,07%
<b>DEC</b>	USD 221,16	USD 179,54	USD 258,69	USD 201,57	16,97%
<b>FINAL</b>	USD 167,55		USD 172,34		<b>2,86%</b>

Figura 9 - TRevPAR nominal dos resorts brasileiros ligados à ABR – comparativo 2016/2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

A figura 10 mostra as variações dos meses, onde se pode observar o comportamento distinto entre os dois semestres do ano, com o primeiro apresentando resultados predominantemente negativos e o segundo resultando em valores positivos de crescimento. Ao final do ano o saldo foi positivo, resultando em 2,86%.

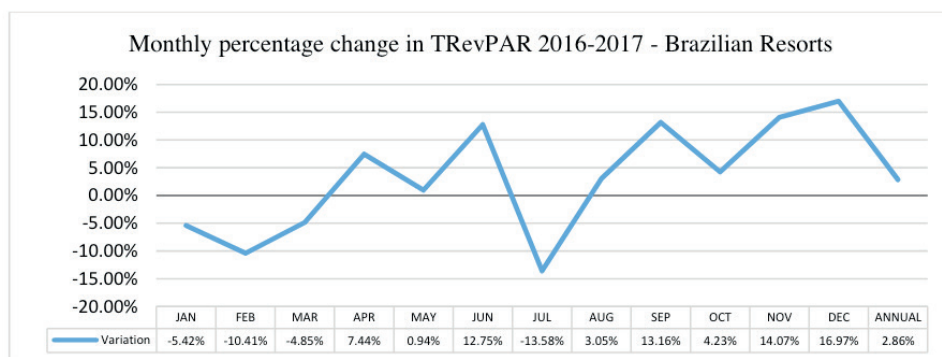


Figura 10. Variação mensal do TRevPAR nominal dos resorts brasileiros – 2016/2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

#### 4.1.4 O TRevPAR e a sazonalidade

O TRevPAR, por ser o índice mais efetivo na análise do desempenho de vendas unitárias dos resorts, também serve para outras constatações de natureza mais global. Uma dessas constatações diz respeito às receitas unitárias absolutas comparadas com a sazonalidade da demanda. A figura 13 mostra as oscilações que ocorreram com os valores absoluto de TRevPAR e nos mostra como os meses tendem a ter um comportamento muito próximo caracterizando uma sazonalidade bastante clara, com os picos de receitas nos meses de janeiro, julho e dezembro dos respectivos anos.

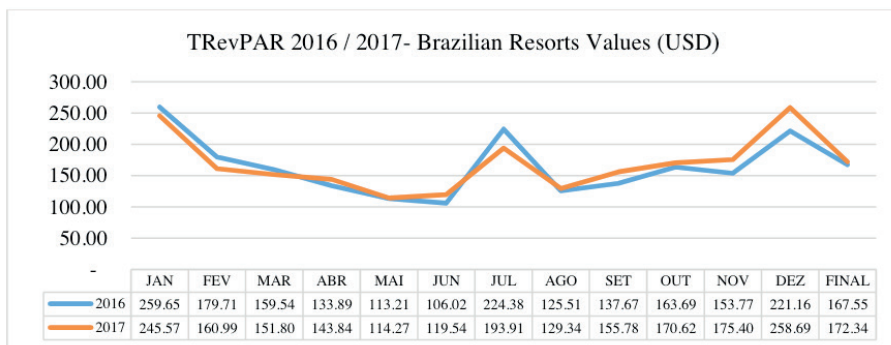


Figura 11. Valores do TRevPAR dos resorts brasileiros – anos de 2016/2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

A partir da análise dos dados gerais, foi possível segmentar os resorts em dois subgrupos, divididos pela localização geográfica, a fim de se constatar comportamentos diferenciados entre eles. As seguir os dados relativos a essa análise segmentada estão expostos.

## **4.2 Resultados segmentados por ambiente – resorts de campo e resorts de praia**

Com a finalidade de se verificar o nível de interferência que a localização geográfica exerce no desempenho dos índices de vendas hoteleiras, o presente estudo se debruçou na análise do resultado gerados e depositados no banco de dados da Associação Brasileira de Resorts/ABR, durante os 24 meses que compuseram os dois anos pesquisados. Nesse sentido houve a necessidade de se subdividir o grupo de resorts em dois subgrupos, segmentados pela localização geográfica.

### *4.2.1 Resultados obtidos através da segmentação por ambiente de campo e de praia*

Os valores obtidos através do cálculo da taxa de ocupação e da receita média permitiram a análise do desempenho segmentado, a através da observação do comportamento do TRevPAR, que agrupa os índices tanto quantitativos (taxa de ocupação), quanto qualitativos (receita média). A figura 12 mostra a tabela resumo dos resultados encontrados segundo o subgrupo de resorts localizados na praia.

	Occupancy rate		Average revenue		TRevPAR	
	2016	2017	2016	2017	2016	2017
<b>JAN</b>	83,7%	81,7%	USD 301,27	USD 290,76	USD 252,16	USD 237,55
<b>FEB</b>	67,1%	62,3%	USD 251,88	USD 221,12	USD 169,01	USD 137,76
<b>MAR</b>	63,4%	66,0%	USD 215,74	USD 211,36	USD 136,78	USD 139,50
<b>APR</b>	56,1%	54,0%	USD 205,03	USD 220,73	USD 115,02	USD 119,19
<b>MAY</b>	45,9%	47,2%	USD 201,76	USD 200,42	USD 92,61	USD 94,60
<b>JUN</b>	43,4%	48,4%	USD 185,12	USD 194,65	USD 80,34	USD 94,21
<b>JUL</b>	72,6%	69,2%	USD 246,64	USD 223,41	USD 179,06	USD 154,60
<b>AUG</b>	55,9%	53,9%	USD 264,78	USD 199,43	USD 148,01	USD 107,49
<b>SEP</b>	62,8%	60,6%	USD 206,91	USD 212,36	USD 129,94	USD 128,69
<b>OCT</b>	69,7%	67,4%	USD 212,47	USD 202,39	USD 148,09	USD 136,41
<b>NOV</b>	65,8%	62,4%	USD 214,44	USD 227,67	USD 141,10	USD 142,07
<b>DEC</b>	75,9%	82,2%	USD 279,54	USD 266,50	USD 212,17	USD 218,95
<b>ANNUAL</b>	<b>65,5%</b>	<b>64,6%</b>	<b>USD 236,26</b>	<b>USD 226,35</b>	<b>USD 154,65</b>	<b>USD 146,20</b>

Figura 12. Comportamento dos índices de OCC, Receita média e TRevPAR – Resorts de praia 2016/2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

Observando-se o comportamento dos índices nota-se que o TRevPAR dos resorts localizados no ambiente de praia apresentou um recuo de – 5,46% entre os anos de 2016 e 2017. Esse valor final foi fortemente influenciado pela queda significativa da receita média nominal, que decaiu – 4,2%. A taxa de ocupação também recuou, porém de forma mais suave, da ordem de – 1,33%. Os resultados dos resorts localizados no campo estão expostos na figura 13, a seguir.

	Occupancy rate		Average revenue		TRevPAR	
	2016	2017	2016	2017	2016	2017
<b>JAN</b>	66,3%	59,0%	USD 394,75	USD 412,99	USD 261,72	USD 243,66
<b>FEB</b>	48,3%	42,3%	USD 381,79	USD 429,00	USD 184,40	USD 181,47
<b>MAR</b>	57,6%	45,0%	USD 331,79	USD 349,24	USD 191,11	USD 157,16
<b>APR</b>	46,6%	44,3%	USD 337,04	USD 409,67	USD 157,06	USD 181,48
<b>MAY</b>	38,2%	33,4%	USD 377,16	USD 420,54	USD 144,08	USD 140,46
<b>JUN</b>	39,2%	38,4%	USD 367,90	USD 420,54	USD 144,22	USD 161,49



<b>JUL</b>	59,0%	58,7%	USD 417,59	USD 440,79	USD 246,38	USD 258,74
<b>AUG</b>	41,9%	44,0%	USD 359,57	USD 370,39	USD 150,66	USD 163,01
<b>SEP</b>	42,3%	52,6%	USD 323,77	USD 380,36	USD 136,95	USD 200,07
<b>OCT</b>	55,7%	53,6%	USD 327,78	USD 406,65	USD 182,57	USD 217,76
<b>NOV</b>	49,2%	52,9%	USD 337,65	USD 394,86	USD 166,13	USD 208,88
<b>DEC</b>	55,4%	55,8%	USD 402,78	USD 502,42	USD 223,14	USD 280,35
<b>ANNUAL</b>	<b>51,4%</b>	<b>49,4%</b>	<b>USD 364,13</b>	<b>USD 412,62</b>	<b>USD 187,02</b>	<b>USD 203,75</b>

Figura 13. Comportamento dos índices de OCC, Receita média e TRevPAR – Resorts de campo 2016/2017

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

Os resorts localizados no campo geraram resultados diametralmente opostos aos resorts localizados na praia. O TRevPAR final mostrou elevação de 8,95% entre 2016 e 2017. O resultado foi alavancado pelo significativo desempenho do índice da receita média que se elevou em 13,3% no período analisado. Mesmo com a taxa de ocupação recuando em – 1,33%, o resultado final foi positivo para esse subgrupo de resorts.

#### *4.2.2 Comportamento das variações no TRevPAR nos subgrupos praia e campo*

O índice que permite uma análise mais completa sobre o desempenho de vendas dos resorts é o TRevPAR por reunir tanto o volume de vendas, como o montante de vendas unitárias. Assim trata-se do índice que permite uma análise mais ampla. As variações mensais do índice de TRevPAR permite levantar comportamento através do decorrer do ano de 2017. Assim os valores desse ano foram postos em comparativo com o ano de 2016, a fim de se verificar o comportamento de crescimento positivo e negativo através dos meses. A figura 14 mostra o comportamento das variações ocorridas no subgrupo dos resorts localizados na praia.

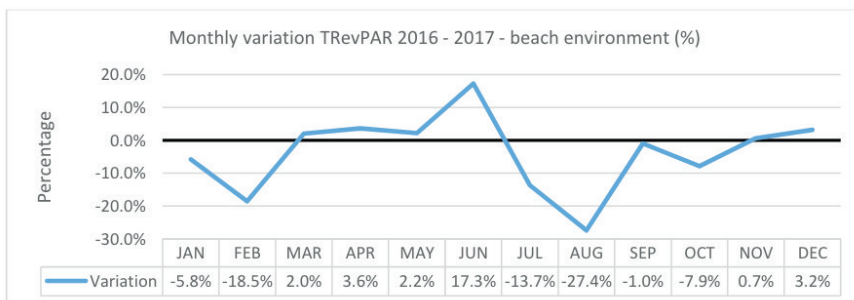


Figura 14. Variação mensal e média anual do TRevPAR – resorts de praia

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

Ao se observar a variações do TRevPAR no subgrupo de resorts localizados na praia verifica-se que apresentaram uma oscilação mais extrema de desempenho, variando de altas significativas, como julho/17 com alta de 17,3% em relação ao ano anterior, até baixa também significativas, como agosto/17 com queda de -27,3%. Como desempenho geral nota-se que as variações mensais se dividiram em blocos de meses, iniciando-se com quedas nos dois primeiros meses, altas nos quatro meses seguintes (março a junho/18), novas quedas entre julho e novembro/18 e fechamento do ano em alta em dezembro/18. Esse fato mostra um cenário oscilante durante todo o ano. A figura 15 mostra o mesmo quadro, mas relativo ao subgrupo de resorts localizados no campo.

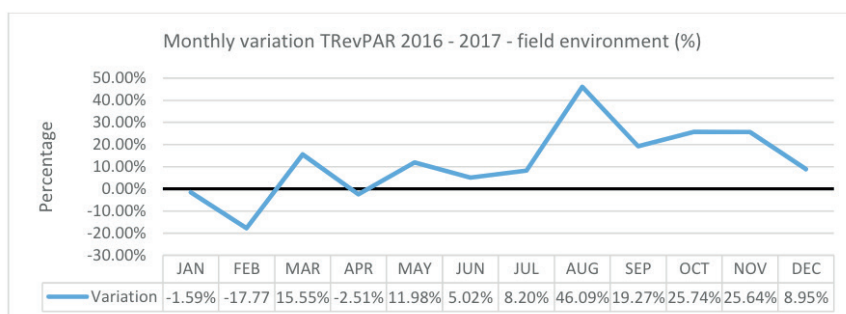


Figura 15. Variação mensal e média anual do TRevPAR – resorts de campo

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

As variações do TRevPAR do subgrupo de resorts localizados no campo oscilaram de maneira diferente de outros subgrupos. Nota-se que também as oscilações foram significativas com quedas com 17,77% em fevereiro/18 e altas fortes como 46,09% em

agosto/18. No entanto, as altas superaram as baixas, gerando um ano com uma sequência de oito meses de crescimento, incluso todo o segundo semestre de 2017. Os resultados finais do comparativo estão expostos no subitem 3.2.3. Comparativo do TRevPAR – Resorts de Praia e Resorts de Campo.

#### 4.2.3 Comparativo do TRevPAR – Praia e Campo

Ao se estabelecer uma analogia entre o desempenho do TRevPAR dos subgrupos de resorts de praia e resorts de campo, é possível se estabelecer duas constatações. A figura 16 mostra as variações mensais em valores absolutos nominais do TRevPAR nos dois subgrupos nos anos de 2016 e 2017

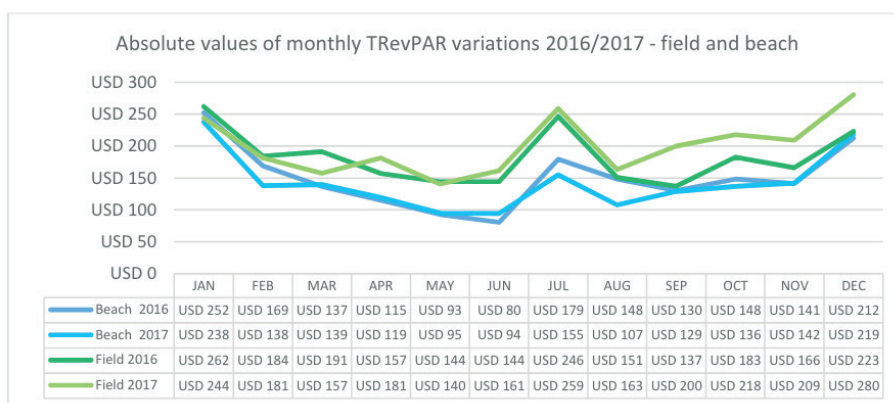


Figura 16 . Valores absolutos das variações mensais 2016/2017 - TRevPAR campo e praia

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

A observações dos valores encontrados e expostos na figura 15 nos permite afirmar que:

a. As oscilações do TRevPAR mensal entre os meses dos anos de 2016 e 2017 têm comportamento semelhante tanto no subgrupo de resorts localizados no campo, quanto nos localizados na praia, permitindo se entender mais precisamente como ocorre o efeito sazonalidade nos dois grupos. Os períodos mais rentáveis se concentram nos meses de janeiro, julho e dezembro, nos dois casos. Tais períodos coincidem com as férias escolares no país, onde o público alvo principal dos resorts efetua suas viagens familiares para os empreendimentos estudados e;

b. Os resorts do subgrupo campo geraram valores de TRevPAR absolutos, em média, 29,9% acima dos resultados gerados pelos resorts localizados na praia. A geração de valores de TRevPAR superiores desse subgrupo, ocorreu

em todos os meses do ano, descartando a hipótese de um comportamento gerado por fatores sazonais ou anomalias momentâneas de mercado.

No que tange às oscilações mensais do TRevPAR nos dois subgrupos, para o ano de 2017, em relação ao ano anterior, a figura 17 expõe os valores finais tratados mostram um comportamento distinto.

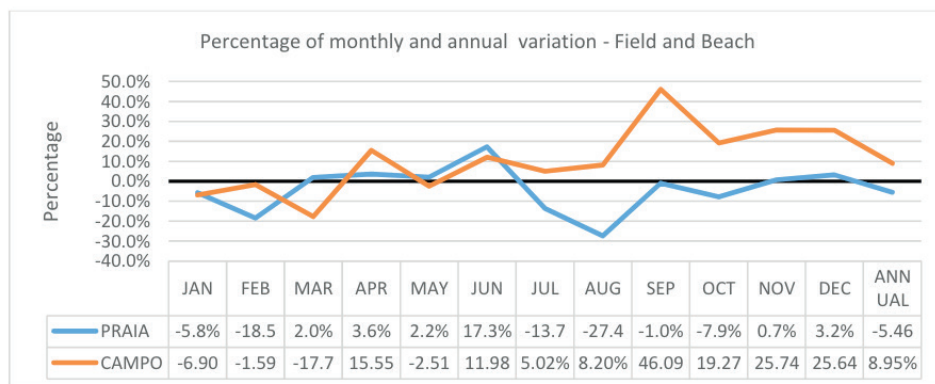


Figura 17. Oscilações do TRevPAR nos subgrupos praia e campo

Fonte: elaborado pelos autores com pesquisa direta na Associação Brasileira de Resorts/ABR

As oscilações mensais são significativas em ambos subgrupos, mas o comportamento geral do subgrupo campo gerou resultados mais bem-sucedidos durante o ano. Esse comportamento positivo teve peso significativo para que o setor de resorts, como um todo, terminasse o ano de 2017, com desempenho positivo. Afora questões muito localizadas, pode-se afirmar que os resorts de campo se recuperaram mais rapidamente, que os de praia, da crise econômica. A crise econômica dos últimos anos exerceu papel decisivo no desempenho hoteleiro brasileiro, abrangendo uma queda de desempenho financeiro em todas as diferentes tipologias de hotéis, incluso resorts embora, nesses, os efeitos tenham sido menos agressivos (Domingues, 2018). Após tratados e analisados os dados gerados pelos resorts durante os dois anos da pesquisa, foi possível se elaborar as considerações finais sobre o estudo, que estão descritas a seguir.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais foram segmentadas em três etapas:

- I. Considerações sobre o desempenho geral
- II. Considerações sobre o desempenho dos resorts por ambientes de campo e praia e;

### III. As limitações da pesquisa.

#### 5.1 Considerações sobre o desempenho geral dos resorts

Nesse item considerou-se o desempenho geral dos resorts agrupados de uma forma única, ou seja, os 49 resorts associados foram mantidos em um único grupo e considerados os resultados da totalização do grupo. Esse fato permitiu que se compreendesse o desempenho das vendas do setor de resorts como um todo. Algum afirmações são possíveis de serem realizadas:

a) O desempenho geral de vendas dos resorts brasileiros, embora apresentem oscilações significativas nos últimos anos, têm mantido um viés de alta através dos anos, conforme pôde ser constatado na figura 3 do presente estudo. Nesse sentido, o setor segue em crescimento tanto em valores, quanto em significância no universo do trade turístico brasileiro. Corroborando tal afirmação, verificando-se grandes investimentos realizados por redes hoteleiras globais especializadas em resorts, como os grupos Iberostar e Fiesta, em algumas regiões do país, notadamente na região nordeste do Brasil, em estado como Bahia, a título de exemplo;

b) No que tange ao desempenho dos anos analisados, é importante afirmar que a melhora do desempenho do TRevPAR foi alavancada principalmente pela melhora da receita média nominal, fato que representa uma vitalidade do mercado tendo em vista que a melhora desse índice foi provocada pela elevação da receita média. Isso indica uma melhora qualitativa da venda e se mostra mais positiva do que uma melhora alavancada pelo aumento unicamente da taxa de ocupação.

Esse segundo fator adquire uma importância fundamental. Em termos conceituais - e operacionais -, a taxa de ocupação tem uma limitação matemático (até 100% de OCC) e físico (limitado ao total de apartamentos ofertados) de expansão, enquanto que a elevação das diárias não possui tal limitação, *a priori*. Em termos de teóricos, a diária praticada pode se elevar até o limite máximo que o consumidor esteja disposto a despende pelo pernoite embora, mercadologicamente, ela é limitada pelos valores praticados pela concorrência da mesma faixa de mercado. Mesmo com isso pode-se considerar que uma elevação do TRevPAR pelo crescimento da receita média nominal é mais salutar ao caixa das empresas, no caso resorts, que a elevação conduzida pela elevação da taxa de ocupação, embora o cenário ideal seria a elevação provocada tanto pela elevação da taxa de ocupação quanto a provocada pela receita média.

Sendo assim, pode-se afirmar que os resorts seguem a crescer e aumentar sua participação no contexto do turismo brasileiro. Finalmente cabe afirmar que existe a probabilidade de que questões do macro ambiente econômico tenha uma importante participação no desempenho tanto dos resorts, quanto do trade turístico como um todo. Mas essa questão não foi objeto de pesquisa do presente estudo, se abrindo a possibilidade de se investigar o quanto as oscilações econômicas interferiam não só no grupo de resorts

de forma geral, como se houve diferentes formas de interferência quando os resorts se dividem em subgrupos.

## 5.2 Considerações sobre o desempenho dos resorts por ambientes de campo e praia

Quando os resorts foram divididos e segmentados por ambiente, algumas características se sobressaíram, mas algumas equivalências puderam ser estabelecidas:

a) O fato dos resorts de ambos os subgrupos terem desempenho expressivo nos meses de janeiro, julho e dezembro mostra que a demanda doméstica exerce grande influência no desempenho dos resorts. Essa constatação se reforça ao se observar que, segundo a consultoria Jones Lang LaSalle, a participação dos brasileiros na composição da origem dos hóspedes é de 90,8% do total de frequentadores<sup>7</sup>, restando uma pequena participação de estrangeiros, da ordem de 9,2%, segundo o mesmo relatório;

b) O desempenho pouco expressivo dos meses de agosto, nos dois anos analisados em ambos subgrupos, deve ser tema de uma análise mais aprofundada da Associação Brasileira de Resorts, tendo em vista que esse mês específico é de férias escolares na Europa e tem um potencial de vendas que não se reflete na atual realidade. A pouca participação, de menos de 10%, de turistas estrangeiros nos resorts brasileiros, ajuda a explicar o franco desempenho desse mês e aponta para uma ação associativa mais efetiva para que todo seu potencial se transforme em efetivação.

De modo geral, durante os anos analisados, os resorts do subgrupo do ambiente campo geraram TRevPAR tanto mensais, quanto anuais, acima dos localizados no ambiente de praia. Esse fato ocorreu não só todos os meses, como em todos os trimestres dos dois anos analisados. No geral os valores finais de receitas unitárias (representadas pelo índice do TRevPAR) dos resorts localizados no campo foram de quase 30% acima dos resultados gerados pelos resorts localizados na praia.

Algumas hipóteses podem ser levantadas para alicerçar essa questão e devem ser objetos de pesquisa mais aprofundada. Nesse caso, uma das hipóteses possíveis pode ser atribuída ao fato de que a maioria dos estabelecimentos pertencentes a esse subgrupo operam com uma flexibilidade maior das diárias, permitindo se customizar mais esses valores cobrados ao interesse de cada segmento. Nos resorts localizados na praia a predominância maior é de resorts que operam no sistema all inclusive que permite um controle maior dos gastos dos clientes, mas gera uma menor flexibilização das tarifas. No entanto, essa afirmação carece de uma pesquisa mais aprofundada onde esses dados devem ser cruzados. Assim essa afirmação não permite uma dedução definitiva e fica no campo das hipóteses até um novo estudo que aborde tal temática.

Por fim, cabe reafirmar o fato de haver variações significativas em ambos subgrupos. Esse comportamento aponta para um cenário não se mostra o ideal para

<sup>7</sup> Informação gerada por pesquisa Hotelaria em Números, da consultoria Jones Lang LaSalle- JLL, 2018, pg. 20.

ambos agrupamentos. A sazonalidade muito pronunciada, com picos de alta e de baixa significativos é um fator dificultado do planejamento para exercícios futuros, pois desde o dimensionamento de pessoal até a aquisição de insumos perante os fornecedores, é prejudicada pela inconstância das vendas.

Ações que se norteiem em gerar oscilações sazonais mais suaves durante o ano, devem se refletir, inicialmente, no desempenho dos fluxos de caixa dos resorts, mas também permitem, aos gestores, um planejamento mais preciso e assertivo.

### **5.3 Considerações sobre a limitação da pesquisa**

O presente estudou o desempenho de vendas dos resorts brasileiros nos anos de 2016 e 2017. Além de recorrer ao banco de dados criado pela associação que serviu de fonte primária para o presente estudo, dados históricos compuseram o arcabouço de informações sobre a área estudada. No entanto o estudo possui limitações;

a) As constatações aqui descritas foram construídas segundo os dados dos dois últimos anos em que haviam informações referenciais sobre os índices. A análise de anos anteriores a 2016 está prejudicada pela ausência de informações que possam substanciar uma análise baseada em um universo temporal mais amplo;

b) As análises foram elaboradas sob a égide das receitas fato que, necessariamente, pode não representar a rentabilidade do negócio dos resorts, no Brasil. Para uma conclusão mais completa, faz-se necessário também que os gastos departamentais, operacionais e de outra natureza, sejam considerados. No momento os pesquisadores, em conjunto com a direção a Associação Brasileira de Resorts/ABR está envolvida no processo de criação desse banco mais completo;

c) As informações aqui descritas estão baseadas no depósito de dados feitos mensalmente pelos resorts filiados à ABR, que é a principal entidade representante do setor no país, mas existem organizações hoteleiras que se intitulam resorts, por própria liberdade e que, no entanto, não cumprem os requisitos para se filiar à ABR, e não constam do estudo aqui elaborado;

d) Questões relativas ao macro ambiente econômico exercem influenciam não só no mercado de resorts, como na atividade turística como um todo. Isso se evidencia ainda mais em um cenário econômico volátil como o brasileiro;

e) Da mesma maneira, questões típicas do setor de resorts podem influenciar os dados e não foram aqui descritas, como o caso do tipo de pensão que cada resort opera. Nos resorts analisados, é grande a incidência de empreendimentos que operam no sistema all inclusive, como forte incidência desse tipo de pensão em resorts localizados na praia. A análise do desempenho segundo a diária praticada (All inclusive, MAP - Modified American Plan, FAP - Full American Plan e Bed and Breakfast) está em andamento no presente período.



Ao final, cabe afirmar que o presente estudo faz parte de um grupo de investigação de abrangência maior, cujo objetivo é detectar quais são as características de receitas e gastos dos resorts brasileiros e quais são as diferenças que se estabelecem entre os resorts que operam em distintos destinos não só nos países latino americanos, como em outros continentes do globo. Nesse sentido, o estudo busca trazer um pequeno contributo, bem como pretende auxiliar a desencadear novos estudos elaborados por esses e por outros pesquisadores de qualquer origem do Brasil e do globo.

Pela característica de ser uma pesquisa aplicada, também pretende gerar informações que possam auxiliar gestores dos resorts brasileiros, a ampliar a base de informações que se utilizam para o processo de decisão, tanto de ações de natureza mais operacionais quanto de natureza mais estratégica.

## REFERÊNCIAS

Agarwal, S. (2002). Restructuring seaside tourism: resorts life Cycle. *Annals of Tourism Research*. 29 (1): 25-55. DOI : 10.1016/S0160-7383(01)00002-0

American Psychological Association. (1972). *Ethical standards of psychologists*. Washington, DC: American Psychological Association.

Asmussen, M. W. (2005). Entendendo o Jargão Hoteleiro: conceitos e terminologias básicas do ramo hoteleiro. In: *Real Estate: economia e mercado*. Departamento de Engenharia de Construção Civil. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo POLI-USP. São Paulo: A Escola. 02 (01) 01-46.

Associação Brasileira de Resorts (2017). *ABR em Números* nº 24 edição anual. São Paulo: SENAC/ Associação Brasileira de Resorts-ABR.

Associação Brasileira de Resorts (2018). *ABR em Números* nº 28 edição anual. São Paulo: SENAC/ Associação Brasileira de Resorts-ABR.

Banco Central do Brasil – BCB (2016). *Atas do Comitê de Política Monetária – COPOM 196ª a 203ª reunião*. Brasília:BCB

Banco Central do Brasil – BCB (2017). *Atas do Comitê de Política Monetária – COPOM 204ª a 211ª reunião*. Brasília:BCB.

Banco Central do Brasil – BCB (2018). *Atas do Comitê de Política Monetária – COPOM 212ª reunião*. Brasília: BCB.

Boeger, M. A. & Yamashita, A. P. (2005). *Gestão financeira para meios de hospedagem*. São Paulo: Atlas.

Bonfato, A.C.; Baltieri, M.A.T. (2016) *Resorts no Brasil: uma avaliação do desempenho*, Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. São Paulo, 10(2), pp. 351-373, maio/ago. DOI: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v10i2.921>

BSH International (2011). *Relatório de Investimentos no Brasil: hotéis e resorts 2011*. São Paulo: BSH International .

BSH International (2014). *Resorts no Brasil: 2014*. São Paulo: BSH International.

Canteras Associados (2011). *Hotel Invest: relatório aos investidores hoteleiros*. São Paulo: HVS International

Cardoso, R. C. (2005) *Dimensões Sociais do Turismo Sustentável: Estudo sobre a contribuição dos resorts de praia para o desenvolvimento das comunidades locais*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas.

Castelli, G. (2006) *Gestão hoteleira*. São Paulo: Saraiva, 1º ed.

Costa, S. F. *Método científico: os caminhos da investigação*. São Paulo: Harbra, 2001.

Dencker, A. F. M. & Bueno, M. (orgs.) (2003). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Gee, C. Y. (1998). *Resorts development and management*. 2. ed. East Lansing, Mich. : Educational Institute of the American Hotel & Motel Association – AMHA.

Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Guijarro, D. (2003). *Guia de resorts brasileiros*. São Paulo: Online editora.

JLL Jones Lang LaSalle (2016). *Hotelaria em números 2015*. São Paulo: Jones Lang LaSalle – JLL

Guthery, D. , Phillips, R.(2000) O desenvolvimento de Sauípe: um novo destino turístico para o Século XXI . In: Lage, B. H. G. , Milone, P. C. *Turismo: Teoria e Prática*. São Paulo: Atlas, 1º ed. 185-195.

JLL Jones Lang LaSalle (2017). *Hotelaria em números 2016*. São Paulo: Jones Lang LaSalle – JLL

Lakatos, E.; Marconi, M. A. (2001). *Fundamentos da metodologia científica*. 4. Ed. São Paulo: Atlas.

Mill, R. C & Kahl, S. (2003). *Resorts: administração e operação*. São Paulo: Bookman

Panrotas. (2015) Faturamento de agências Abracorp cai 2,3% em 2015. Acesso em 16 de março de 2016. Disponível em: [http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/viagens-corporativas/2016/01/faturamento-de-agencias-abracorp-cai-23-em-2015\\_123018.html](http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/viagens-corporativas/2016/01/faturamento-de-agencias-abracorp-cai-23-em-2015_123018.html).

Papatheodorou, A. (2004). Exploring the evolution of tourism resorts. *Annals of Tourism Research*. 31 (1): 219–237 (also appearing in 6(1):42-64.

Prosépio. R. *O avanço das redes hoteleiras Internacionais no Brasil*. Sao Paulo: Aleph, 2007.

Pullman, M. & Thompson G. M. (2002). Evaluating capacity- and demand-management decisions at a ski resort. *Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly*, 43 (6): 25–36 [https://doi.org/10.1016/S0010-8804\(02\)80069-6](https://doi.org/10.1016/S0010-8804(02)80069-6)

Rosa, S. E. S. & Tavares, M. M (2012). *A recente expansão dos resorts no Brasil. BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 16, set. 2012. Acesso: 12/08/2012. Disponível em:[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Institucional/Publicacoes/Consulta\\_Expressa/Setor/Turismo/200209\\_16.html](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Publicacoes/Consulta_Expressa/Setor/Turismo/200209_16.html) .

Santaella, L. (2006). *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. 2. ed. São Paulo: Hacker.

Silva, K. M. & Filho, N. A. Q. V. *Os resorts e seus impactos nas comunidades locais: estudo de caso do Águas do Treme Lake Resort no município de Inhaúma em Minas Gerais*. Revista acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo. Vol. 4, No. 3. 2009.

Walton, J. K. (2009). Prospects in tourism history: Evolution, state of play and future developments. *Tourism Management*, 30 (1): 783–793 <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2009.05.010>

Weygandt, J. J. (2005). *Hospitality financial accounting*. New Jersey: John Wiley & Sons.

Domingues. R. (2018). Diretor Executivo da Associação Brasileira de Resorts, entrevista pessoal na sede da Associação Brasileira de Resorts, à Rua Prof. Carlos de Carvalho, 28 - cj. 82 - Itaim Bibi, São Paulo - SP, Brasil, CEP 04531-080, no dia 25 de abril de 2018, entre 09h00 e 12h00.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 8, 3, 12, 20, 29, 127, 131, 195, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 284, 285

Aracaju Walking Tour 123, 124, 131, 132

### B

Base de dados 78, 190, 205, 206

Big Data 8, 190, 191, 192, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 210

### C

Cartografia 7, 177, 178, 179, 183, 184, 185, 187, 188

Cibermusealização 6, 73, 76, 77, 82

Corumbau 8, 121, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 327

### D

Desenvolvimento Socioeconômico 38, 39, 42, 52

### E

Embratur 7, 24, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 193

Epistemologia 108, 109, 110, 262, 277, 305, 317

Espacialização 178, 181, 189, 324

Estâncias Turísticas 23, 24, 28, 31, 32, 34, 35

Estruturação dos destinos 38, 39, 51

Ética 9, 21, 49, 120, 121, 135, 137, 140, 141, 142, 263, 276

### F

Foz do Iguaçu 8, 190, 191, 192, 193, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210

Free Walking Tour 123, 124, 129, 130, 131, 133

### G

Gestão 3, 23, 25, 27, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 82, 111, 115, 119, 130, 150, 153, 154, 174, 175, 178, 179, 180, 183, 184, 185, 187, 190, 192, 195, 196, 197, 199, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 231, 232, 236, 239, 240, 241, 244, 245, 246, 266, 267, 270, 281, 286, 287, 288, 311, 315, 316, 319, 320

## H

Hospitalidade 7, 67, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 154, 175, 247, 248, 264, 271, 277, 296, 319, 320, 326

## I

Imaginário 3, 4, 21, 61, 95, 96, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 114, 116, 118, 119, 298, 301, 314, 319, 324, 326, 332, 340

Internet 78

## L

Legislação 23, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 35, 36, 38, 40, 41, 44, 47, 48, 51, 72, 140, 207, 211, 283, 321

Lei Geral do Turismo 6, 38, 39, 40, 41, 45, 47, 50, 54, 178

## M

Marketing turístico 7, 95, 96

Mulata Exportação 95, 103, 106

Mulher Brasileira 7, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 105, 106, 108

Musealização 78

Museologia 78

Museu da Pessoa 73, 77, 78, 79, 80, 83

Museu das Coisas Banais 73, 79, 80

Museu Virtual 73, 76, 77, 78, 79, 80, 82

## O

Objeto museológico 6, 73, 74, 77, 78

## P

Patrimônio 78

Patrimônio Histórico 8, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 220, 222, 226, 227, 228, 310

Pessoa com deficiência 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 226

Planejamento Turístico 53, 54, 126, 129, 188, 278

Política Nacional de Turismo 6, 38, 40, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 53, 96, 97, 128, 193

Políticas públicas de turismo 23, 24, 25, 26, 30, 32, 35, 36, 44, 49, 51, 52, 108, 134, 202

Programa de Regionalização do Turismo 38, 39, 41, 49, 52, 128, 134

Progresso 8, 124, 133, 217, 247, 248, 249, 251, 258, 259, 261, 276

## R

Receita média 7, 152, 155, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 171

Recursos Financeiros Turísticos 23

Resorts 7, 24, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Roteirização Turística 123, 126, 128, 134

## S

Sociologia 14, 70, 109, 110, 111, 112, 113, 121, 122, 319, 320, 326, 328, 329, 331, 337, 338, 339, 341, 342

Sustentabilidade 8, 38, 49, 52, 59, 118, 121, 126, 195, 232, 241, 246, 247, 249, 258, 261, 263, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 280, 281, 286, 327

## T

Taxa de ocupação 7, 152, 155, 156, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 171

Teatro Amazonas 8, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 229

Tecnologia 6, 7, 83, 129, 146, 187, 190, 195, 196, 199, 207, 213, 288, 317, 325

Terrorismo 12, 136, 137, 145, 146, 147, 148, 150

Tolerância 130, 135, 136, 140, 141, 142, 144, 149, 150, 151

Trevpar 7, 152, 155, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Turismo 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 6, 9, 11, 12, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 153, 157, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 220, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 271, 272, 273, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 344

Turismo Comunitário 234, 236, 244, 245, 266, 267, 276

Turismo de Base Comunitária 8, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 245, 263, 265, 266, 267, 268, 272, 276

Turismo de interesses especiais 6, 55, 56, 57, 59, 60, 68, 69

Turismo em áreas naturais 278

Turismo Rural 55, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 72, 241, 245, 246, 268, 273, 278, 284, 285, 286, 287, 290

Turismo Sustentável 8, 175, 195, 232, 249, 278, 279, 280, 282, 285, 286

Turismo Virtual 1, 2

Turista Híbrido 7, 109, 319



# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021